

## Representações sociais sobre as mulheres rurais nas fotografias da revista *Globo Rural* (1985-2015)<sup>1</sup>

*Social representations about rural women in the photographs of Globo Rural magazine (1985-2015)*

---

### Isadora Moreira Ribeiro

Doutoranda em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Mestra em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

### Sheila Maria Doula

Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Coordenadora do Observatório da Juventude Rural (UFV).

Submetido em 09 de Outubro de 2019  
Aceito em 06 de Abril de 2020

### RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar as representações sociais sobre as mulheres rurais veiculadas pela revista *Globo Rural*. O corpus é composto por 208 fotografias referentes a 30 edições da revista, temporalmente distribuídas entre os anos de 1985 e 2015. A metodologia orienta-se pela perspectiva documental, tendo como técnica a análise de conteúdo fotográfica. Com base na Teoria das Representações Sociais, identificam-se como resultados representações ancoradas na família, na culinária, na cultura e no trabalho. No discurso imagético da revista conclui-se que, por um lado, a tradição vinculada a uma cultura rural é ressaltada; por outro, destaca-se a modernização das relações de trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representações Sociais; Mulheres Rurais; *Globo Rural*.

### ABSTRACT

This study aims to analyze the social representations about rural women in *Globo Rural* magazine. The corpus is composed of 208 photographs that refer to 30

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

editions of the magazine, published between 1985 and 2015. The methodology used is the documentary perspective, based in the technique of analysis of photographic content. Based on the Theory of Social Representations, the results identify representations anchored in family, cooking, culture and work. From the discourse of the magazine photographs it is concluded that, on the one hand, the tradition linked to rural culture is emphasized; on the other hand, the modernization of labor relations is highlighted.

**KEYWORDS:** *Social Representations; Rural Women; Globo Rural.*

**RESUMEN:** El objetivo de este estudio es analizar las representaciones sociales sobre las mujeres rurales en la revista *Globo Rural*. El corpus es compuesto de 208 fotografías que se refieren a 30 ediciones de la revista, publicadas entre 1985 y 2015. La metodología utilizada es la perspectiva documental, basada en la técnica de análisis de contenido fotográfico. Con base en la Teoría de las Representaciones Sociales, se identifican como resultados representaciones ancladas en la familia, la cocina, la cultura y el trabajo. Del discurso de las fotografías de la revista se concluye que, por un lado, se enfatiza la tradición vinculada a la cultura rural; por otro lado, se destaca la modernización de las relaciones laborales.

**PALABRAS CLAVE:** *Representaciones sociales; Mujeres Rurales; Globo Rural.*

## Introdução

A categoria “mulher”, assumida como uma construção que perpassa múltiplas instâncias interconectadas da vida social, possui dimensões ancoradas nas esferas do trabalho, da família, da política, da religião, da ciência e do cotidiano, além de outras enumerações possíveis. No domínio da Teoria das Representações Sociais, acionada em sua interrelação com os estudos de gênero, tal categoria se inscreve a partir de uma perspectiva relacional, que questiona o binarismo naturalizante da oposição mulher/homem, buscando reconhecer os sujeitos sociais em relação à contextualidade que permeia sua vivência, como assinala Arruda (2002).

Nos estudos de gênero, termo que surge como “contrapartida cultural do sexo biológico” (Tedeschi, 2012, p. 304), a ruptura com a racionalidade dual do pensamento moderno localiza “a experiência das mulheres como característica de uma cultura específica” (Arruda, 2002, p. 143). Por essa direção, Perrot (1989, p.

11) observa que a categoria “mulher” se apresenta como “entidade coletiva e abstrata à qual se atribuem características habituais”, estas associadas aos aspectos discursivos que perpassam a ordem e o papel social. A autora acrescenta, ainda, que os registros sobre as mulheres se amparam historicamente no universo familiar e doméstico.

Vinculado à esfera da vida privada, o doméstico se diferencia das funções produtivas, que se ligam ao espaço público. Esta divisão sexual do trabalho distingue culturalmente as identidades e os papéis correspondentes a homens e mulheres, separando-os respectivamente entre a “reprodução social da família” e a manutenção das “necessidades materiais do grupo”, como aponta Tedeschi (2009, p. 51). No entanto, essa segmentação não é determinante, uma vez que os próprios movimentos feministas vêm incidindo na reconfiguração dos papéis sociais, notadamente a partir dos anos 1970.

No Brasil, as discussões de gênero caracterizam-se pela predominância de um “viés urbano” (Herrera, 2016, p. 213), o que demanda reconhecer as disposições que particularizam o contexto rural, visto que, além da relevância do ambiente doméstico, o espaço do trabalho é característico na demarcação da categoria mulher, especialmente no cenário da agricultura familiar. Conforme Paulilo (2016, p. 43), a particularidade do trabalho da mulher nesse contexto permite subdividi-lo em “trabalho doméstico”, “trabalho produtivo no lar” e “trabalho produtivo fora do lar”. Nesse sentido, Herrera (2016, p. 208) destaca que os papéis de homem e mulher se dispõem hierarquicamente, naturalizando-se “através de vivências, símbolos e representações” reproduzidos no cotidiano familiar rural.

Além da dinâmica familiar, o processo de modernização da produção agrícola, desenvolvido nos moldes da Revolução Verde, pressupõe assinalar que os papéis sociais atribuídos à mulher rural não se encerram no âmbito da pequena produção. Paralelamente à luta coletiva de movimentos sociais de trabalhadoras rurais, emergentes nos anos 1980 (Sales, 2007), constituiu-se uma “sociedade do agronegócio” no Brasil (Heredia, Palmeira e Leite, 2010), o que aponta para a complexificação dos papéis sociais ocupados pela “mulher rural”, noção que não

pode ser abordada de forma genérica, como observa Paulilo (2016). Dessa forma, “a categoria a que pertence a família (pequenos, médios e grandes proprietários, parceiros e assalariados) influi diretamente na participação feminina nas lidas agrícolas” (Paulilo, 2016, p. 51) e, conseqüentemente, na pluralidade de representações sobre as mulheres.

Nessas representações, identifica-se a polarização derivada das próprias ações do Estado, que na segunda metade do século XX incentivou, por um lado, a expansão das fronteiras agrícolas e a exportação de *commodities* e, por outro, institucionalizou um programa específico para a agricultura familiar. Nesse ínterim, consolidou-se também a expansão dos meios de comunicação pelo território nacional, o que favoreceu a produção de um telejornal segmentado, com conteúdo temático centralizado no campo, o *Globo Rural*. O programa foi ao ar em 1980, seguido pela criação da revista homônima, em 1985, que bateu recordes de tiragem na primeira edição (Silva, 2009). Publicada mensalmente há 34 anos, a revista *Globo Rural* acompanha o percurso recente do rural brasileiro, conjugando nos textos e imagens que compõem suas editorias representações que se estendem das “especificidades da atividade agrícola” aos “modos de vida no campo”, como analisa Silva (2009, p. 19).

Considerando-se a variedade de conteúdos veiculados pela *Globo Rural*, este trabalho tem o objetivo de analisar as representações sociais sobre as mulheres rurais nas fotografias da revista, elegendo como *corpus* trinta edições correspondentes a cada ano de circulação do periódico no intervalo entre 1985 e 2015. Parte-se do pressuposto de que a imprensa reproduz em seus discursos representações sociais acerca de objetos específicos, os quais podem ser “tanto uma pessoa, quanto uma coisa, um acontecimento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria etc.” (Jodelet, 2001, p. 22). Metodologicamente, compreende-se que a identificação e a descrição das representações sobre as mulheres rurais nas imagens impressas na revista permitem verificar as mudanças em curso no papel dessas mulheres nas últimas três décadas. Para nortear a análise, toma-se como referência a Teoria das Representações Sociais.

### Representações sociais e comunicação

O estudo teórico das representações sociais foi desenvolvido na década de 1960 por Serge Moscovici, tendo como referência o conceito de representações coletivas elaborado por Durkheim. Para este, as representações remeteriam à separação entre os níveis da consciência individual e o da sociedade como um todo, sendo coletivas por designarem “uma ampla classe de formas mentais (ciências, religiões, mitos, espaço, tempo) de opiniões e de saberes sem distinção” (Moscovici, 2001, p. 47). Situando a teoria de Durkheim no contexto das sociedades modernas, Moscovici (2012, p. 71) opta pela denominação “social” com a finalidade de ressaltar a pluralidade dos grupos e a dinâmica de interrelação entre o individual e o social. Se pela designação “coletiva” as representações se aproximam das sociedades tradicionais, pela adjetivação “social” reconhece-se a especificidade das sociedades contemporâneas, demarcadas pela “intensidade e fluidez das trocas e comunicações; desenvolvimento da ciência; pluralidade e mobilidade sociais” (Jodelet, 2001, p. 22).

Delimitado o contexto moderno como ambiência de estudo das representações sociais, Jodelet (2001, p. 22) esclarece que esses fenômenos são definidos como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Portanto, representações são produzidas e modificadas nas interações sociais que acionam a dimensão simbólica do pensamento social, atendendo à necessidade dos sujeitos sociais de atribuírem sentido à experiência cotidiana. Nota-se, da polifonia de instâncias de criação às interações comunicativas que reproduzem e ressignificam esses fenômenos, a circularidade que configura a socialização das representações. Como define Moscovici,

As representações sociais são entidades quase tangíveis; circulam, se cruzam e se cristalizam continuamente através da fala, do gesto, do encontro no universo cotidiano. A maioria das relações sociais efetuadas,

objetos produzidos e consumidos, comunicações trocadas estão impregnadas delas. Como sabemos, correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração, e, por outro lado, à prática que produz tal substância (Moscovici, 2012, p. 39).

No seu percurso como forma de conhecimento e conteúdo simbólico, representações convencionalizam objetos, categorizando-os com base em uma determinada matriz cultural, e são prescritivas, apresentando-se como pré-existentes aos sujeitos inseridos em um universo consensual específico (Moscovici, 2015). Nesse sentido, o autor esclarece que representações sociais são geradas a partir dos processos de ancoragem e objetivação. O primeiro se refere à classificação e nomeação do objeto de conhecimento, tornando-o familiar a partir de um substrato sociocultural; o segundo, à transformação do objeto ancorado em realidade, reproduzindo “um conceito em uma imagem” (Moscovici, 2015, p. 71 - 72). Pela noção de ancoragem se expressa “o elo entre gerar sentido e comunicar” (Moscovici, 1994, p. 164, tradução nossa)<sup>2</sup>. É na correlação entre os atos de ancorar e objetivar, inseridos na impermanência das relações sociais contemporâneas, que representações existem e podem ser apreendidas como unidades de significação passíveis de análise.

A materialidade das representações sociais é comunicacionalmente circunscrita e, como localiza Jodelet (2001, p. 32), junto à cultura e à sociedade, linguagem e comunicação se conformam como “condições de produção e circulação das representações sociais”. Isso aponta para os três níveis de incidência da comunicação social descritos pela autora com base em Moscovici: o interindividual, o institucional e o midiático. O primeiro refere-se à emergência das representações, com sustentação cognitiva; o segundo, aos processos que geram as representações (ancoragem e objetivação); e o terceiro, à difusão, à propagação e à propaganda, sistemas de comunicação delimitados pelo teórico a partir da análise das representações sociais da psicanálise na imprensa francesa. Segundo Moscovici (2012), estes sistemas estariam ligados respectivamente à formação de opinião, atitudes e estereótipos.

<sup>2</sup> No original: “By the notion of anchoring of representations, I wanted to express the link between generating sense and communicating” (MOSCOVICI, 1994, p. 164).

Utilizando-se a categorização da comunicação midiática elaborada por Moscovici (2012), os meios de comunicação de massa – como a revista *Globo Rural* – enquadram-se no sistema de difusão, destinando-se a um público amplo e heterogêneo. Para o autor, “a elaboração de mensagens e a adequação a regularidades culturais específicas implicam o reconhecimento do papel mediador da difusão entre grupos sociais e seus sistemas de valores” (Moscovici, 2012, p. 313), o que denota a relevância das mídias jornalísticas como materiais empíricos que permitem investigar representações em conjunturas temporais e culturais específicas.

Se considerados o pluralismo e a consequente crise de sentidos como características da modernidade, o que vai ao encontro da proposta de nominar como sociais – em vez de coletivas – as representações, pode-se acrescentar, ainda, o papel fundamental dos meios de comunicação na “orientação moderna de sentido”, como argumentam Berger e Luckmann (2012, p. 70). Percebe-se, portanto, que diante da fluidez das trocas simbólicas na contemporaneidade, as representações são imprescindíveis como guias interpretativos que situam os sujeitos sociais na vida cotidiana. Como afirma Jodelet (2001, p. 17 - 18), “elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais”. É a partir dessa constatação que se busca analisar as representações sociais sobre as mulheres rurais nas fotografias da revista *Globo Rural*.

Do ponto de vista comunicacional, compreende-se a fotografia como uma forma de representação que enquadra uma determinada versão de realidade. No caso do fotojornalismo, a especificidade noticiosa da imagem pode ser relacionada ao processo de difusão de informações, no sentido de que a mídia impressa, “ao veicular imagens, possui objetivos e sabe o que pretende mostrar” (Tavares; Vaz, 2005, p. 132). As fotografias jornalísticas inserem-se, portanto, no circuito de sentidos que se estende da produção ao consumo de conteúdos, exercendo ainda um papel mediador na relação entre um determinado meio e seu público. Como sinaliza Moscovici (1994, p. 168, tradução nossa), as representações sociais devem ser consideradas como “pressupostos enterrados sob camadas de palavras e

imagens que flutuam nas mentes das pessoas”<sup>3</sup>, o que pode ser articulado à função da mídia no contexto de disponibilização de parte dessas imagens e palavras.

### Mulheres rurais: imagens e representações na *Globo Rural*

A análise proposta é de caráter empiricamente documental, estruturada na descrição quantitativa e qualitativa do *corpus*. Para a triagem dos exemplares, tomou-se como referência o número especial de 30 anos da revista *Globo Rural*, que apresentou uma seleção de trinta edições distribuídas entre 1985 e 2015 e consideradas representativas da história do periódico<sup>4</sup>, o que justifica a delimitação do material empírico. Reconhecendo-se que a revista se compõe de textos e imagens de natureza jornalística e publicitária, estas últimas foram excluídas, dada a diferenciação estabelecida pela propaganda como sistema de comunicação, segundo Moscovici (2012). Também não foram abrangidas as imagens contidas nos sumários, nas capas, nas pautas internacionais, nas colunas (acionadas apenas para identificar o autor do texto) e as enviadas pelos leitores.

A partir desses recortes, o *corpus* é constituído por 208 fotografias, as quais foram selecionadas pela condição prévia de presença de mulheres no quadro imagético. Considerando-se as fotografias como unidades icônicas que conjugam múltiplos elementos simbólicos, empregou-se a análise de conteúdo fotográfica proposta por Mauad (2005) como método de descrição, baseada em fichas de análise que decompõem as imagens em elementos da forma do conteúdo (agência produtora; ano; local; tema; pessoas; objetos; atributos das pessoas; atributos da paisagem; tempo retratado) e em elementos da forma da expressão (agência produtora; ano; tamanho; formato e suporte; tipo; enquadramento; nitidez; produtor).

<sup>3</sup> No original: “[...] we should consider social representations as presuppositions buried under the layers of words and images floating in people’s minds” (MOSCOVICI, 1994, p. 168).

<sup>4</sup> As edições que compõem o *corpus* são referentes a outubro de 1985, outubro de 1986, janeiro de 1987, novembro/dezembro de 1988 (edição dupla), maio de 1989, abril de 1990, outubro de 1991, setembro de 1992, outubro de 1993, abril de 1994, abril de 1995, março de 1996, março de 1997, dezembro de 1998, julho de 1999, outubro de 2000, junho de 2001, junho de 2002, abril de 2003, janeiro de 2004, outubro de 2005, dezembro de 2006, setembro de 2007, junho de 2008, janeiro de 2010, maio de 2011, outubro de 2012, agosto de 2013, agosto de 2014, março de 2015.



Para cada fotografia analisada foram observados os elementos sugeridos pelo método, adaptando-os ao objetivo do trabalho, o que é corroborado pela autora ao sinalizar a flexibilidade dos índices de conteúdo e expressão (Mauad, 2005). A efetividade do método se confirma pela sua utilização em estudos anteriores sobre representações fotográficas em perspectiva histórica, que reforçam a influência das imagens na construção de categorias e tipologias (Machado Júnior, 2012; 2013).

Notando-se nas imagens codificadas a proeminência do conteúdo em relação à forma no que se refere ao objetivo de analisar as representações sociais sobre as mulheres rurais, foram delimitados oito eixos temáticos que permitem categorizar as imagens que apresentam mulheres na composição do quadro. Ressalta-se que as imagens com crianças, quando não associadas a mulheres adultas ou idosas, foram desconsideradas, tendo em vista sua especificidade se comparadas ao objetivo proposto. Nesse sentido, a Tabela 1 mostra as categorias organizadas pelos conteúdos, mensurando a distribuição quantitativa dos temas fotografados conforme as décadas demarcadas.

**Tabela 1** - Distribuição quantitativa dos conteúdos / década

CATEGORIA		NÚMERO DE IMAGENS			
		1985-1994	1995-2004	2005-2015 <sup>5</sup>	TOTAL
1	Trabalho familiar na agropecuária e na agroindústria, retratos de família e imagens do lar	24	28	7	59
2	Pesquisa aplicada ao meio rural, trabalho das profissionais de ciências agrárias e áreas afins (assistência técnica, extensão rural, educação rural, saúde no campo)	13	16	20	49
3	Culinária	10	15	14	39
4	Trabalho na produção	11	10	5	26

<sup>5</sup> Na seleção da amostra a partir do infográfico elaborado pela revista, a terceira década de publicação terminaria cronologicamente em 2014. No entanto, não há edição de 2009 no material analisado, de modo que cada intervalo é composto de 10 edições.

	agropecuária, na agroindústria ou em etapas de cadeias produtivas (sem identificação familiar) / Empresárias rurais				
5	Artesanato, memória, música, dança, religião, festas, exposições e outras práticas culturais	-	15	7	22
6	Meio ambiente, natureza, preservação, população local e povos tradicionais	2	4	-	6
7	Lazer, esportes no meio rural, turismo	2	1	2	5
8	Reuniões e assembleias de produtores rurais	-	2	-	2
	<b>TOTAL</b>	62	91	55	208

Fonte: Elaboração própria.

Com base nos conteúdos identificados, depreende-se que a construção da categoria de análise “mulher rural”, na revista, não se encerra nas atividades produtivas. O enquadramento fotográfico, ainda que complementado por textos jornalísticos, também não permite definir com precisão a origem territorialmente rural de todas as personagens representadas, o que funcionaria como marcador de ruralidade na categoria analítica. Portanto, desde que não associadas inquestionavelmente com o meio urbano na imagem, as fotografias com mulheres foram incluídas na amostra.

Quantitativamente, nota-se o predomínio da vinculação da mulher com o ambiente familiar, sintetizado na categoria 1 (Tabela 1). Recuperando as observações de Paulilo (2016), visualiza-se nessa temática o trabalho doméstico e o trabalho produtivo no lar, este com maior representatividade e associação direta com a ideia de agricultura familiar. Considerando-se a incidência superior do tema nas duas primeiras décadas, percebe-se o agendamento pelo contexto anterior e posterior à criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), em 1996.

Além do trabalho ligado à esfera familiar, o trabalho produtivo fora do lar (Paulilo, 2006) perpassa as categorias 2 e 4, referindo-se a mulheres que atuam profissionalmente em áreas relacionadas ao meio rural. Enquanto o quarto grupo

temático acompanha a tendência decrescente do primeiro na última década, observa-se o crescimento quantitativo do segundo. Relacionando-se aos conteúdos, nota-se maior frequência das mulheres nas fotografias sobre pesquisa e assistência técnica, o que demonstra um deslocamento do trabalho realizado fora do lar, do âmbito produtivo para o especializado (técnico-científico).

A terceira categoria, por vezes interligada à primeira e à quinta, mantém-se em proporção quantitativa semelhante no decorrer das décadas, o que se explica pela existência de uma editoria específica de reportagens sobre receitas, excluída a partir da edição de 2013 da amostra, por reorganização editorial da revista. Neste tópico temático as imagens de mulheres variam entre jovens e idosas, indo da culinária tradicional relacionada ao campo e às famílias a pratos elaborados com tendências e inovações da pesquisa alimentícia. Na última década, precisamente, vê-se o fortalecimento da memória e revalorização da culinária rural.

Na sequência, a categoria 5 conjuga imagens com composição estética menos referencial e mais artística, explorando as diferentes gerações de mulheres, os trabalhos manuais e a religiosidade católica. Comparando-se as categorias em termos quantitativos, visualiza-se que o ápice da representatividade numérica é coincidente nas tematizações 1, 3 e 5, o que sugere a relevância de assuntos próximos à tradição familiar no momento histórico retratado na segunda década. Por fim, as categorias 6, 7 e 8 não apresentam conteúdos numericamente significativos. Dentre elas, sobressai a primeira, eminentemente composta por fotografias de mulheres indígenas em situações do cotidiano de sua organização social.

Tendo como referência os conteúdos categorizados, verifica-se que as representações sociais, ao circularem nas “imagens midiáticas”, como argumenta Jodelet (2001), articulam-se aos processos de ancoragem e objetivação, no sentido de que a fotografia objetiva uma representação ancorada no imaginário social construído sobre a mulher rural. Dessa forma, ao estabelecer uma relação de simbolização com o objeto de sua representação, a mídia, na posição discursiva de sujeito que enuncia, ancora-se no conhecimento socialmente disponível, consensual ou dominante, para delinear suas representações imagéticas.

Na análise do *corpus*, identifica-se que as representações sociais sobre as mulheres rurais se ancoram nas esferas da família, da culinária, da cultura e do trabalho – em suas diferentes ambiências. Adotando uma perspectiva relacional (Arruda, 2002), a representação centralizada na família está diretamente interligada à figura masculina no quadro imagético. No entanto, embora se verifique, de forma geral, a presença quantitativamente superior de imagens com homens, o cerne desta representação é a unidade familiar como um conjunto indissociável, por vezes idealizado. Retratando os membros da família em angulações majoritariamente sorridentes, as fotografias buscam sinalizar a união, o sucesso e a necessidade de reconhecimento e valorização dessas pessoas (Imagens 1, 2 e 3).

Imagem 1



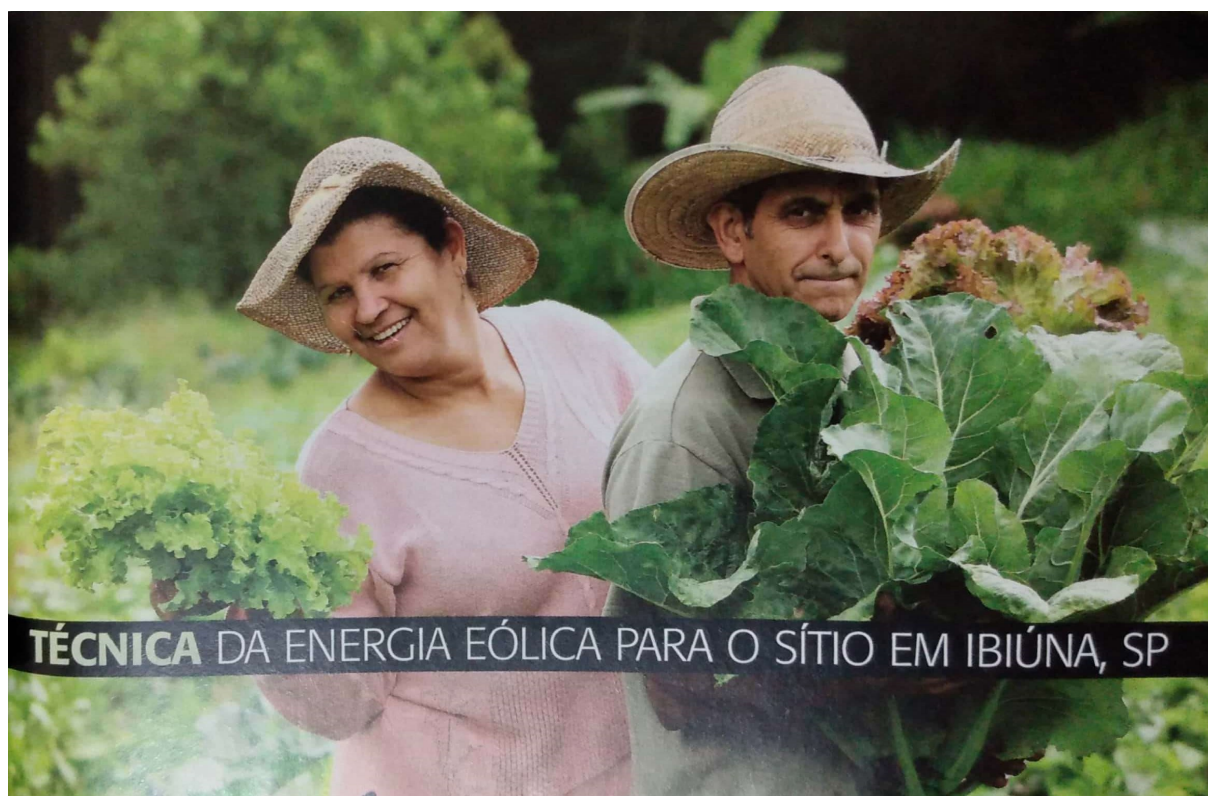
Fonte: Revista *Globo Rural*, maio de 1989.

Imagem 2



Fonte: Revista *Globo Rural*, abril de 1995.

Imagem 3



Fonte: Revista *Globo Rural*, dezembro de 2006.

É possível notar que a ancoragem familiar dialoga com a identidade assumida pela revista desde seu primeiro editorial e mantida nas primeiras três décadas, pautando-se na categorização mítica e heroica do “homem do campo” (Ribeiro, 2017). Dessa maneira, a unidade familiar conjuga a agricultura à tradição, no sentido de “herança cultural” de que fala Williams (2000, p. 184). Como mostra Giddens (2007, p. 63), a “‘família tradicional’ tem muito de uma categoria que tudo abrange”, desdobrando-se em unidade econômica, desigualdade de gênero e sintetizando a nostalgia em relação ao que é enraizado no passado, o que é visualizado nas imagens familiares que compõem o *corpus*.

Na representação ancorada na culinária, apesar de prevalecer a figura da mulher, também há edições com receitas ensinadas por homens. Pode-se dizer que as imagens que correspondem a esta representação não têm por objetivo delimitar necessariamente a cozinha como espaço da mulher, mas sobrevalorizar esse ambiente, no qual se destacam como símbolos a mesa farta e o fogão a lenha. A

Dossiê **O Pensamento Ecológico** – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 23, n. 2, 2020

DOI: 10.29146/eco-pos.v23i2.27397

ancoragem culinária possibilita estabelecer uma aproximação com o imaginário rural dos leitores urbanos da revista, que remete aos elementos da terra (alimentos produzidos no campo) e ao fogo (Silva, 2009). Nota-se, ainda, a representação sobre a saúde e alimentos saudáveis, cara aos leitores urbanos (Imagem 4). Nesse sentido, a culinária apresenta-se como uma dádiva do meio rural, sendo as mulheres a materialização do dom de transformação que possui significação na ambiência “cozinha típica rural” (Imagens 4, 5 e 6).

Imagem 4



Fonte: Revista *Globo Rural*, janeiro de 1987.

Imagem 5



Fonte: Revista *Globo Rural*, dezembro de 1998.



Imagem 6

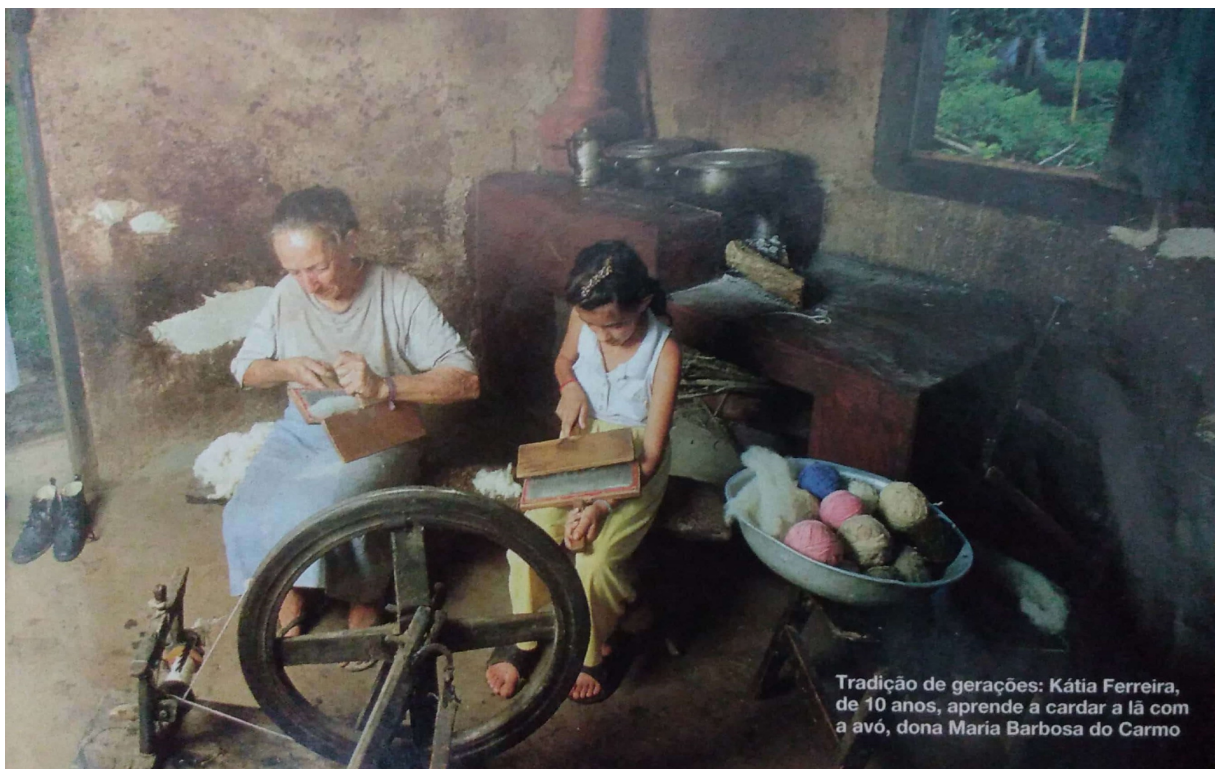


Fonte: Revista *Globo Rural*, outubro de 2012.

Além da simbologia da cozinha rural, esta representação retoma a imagem da família, com foco na reunião coletiva para as refeições, como se observa na composição hierárquica da Imagem 5, em que a distribuição dos membros da família tem centralidade na matriarca. Pode-se identificar, por essa direção, uma narrativa imagética que apresenta a ritualização do estar à mesa e, também, dos modos de preparo dos alimentos, o que confere à culinária rural uma identidade tradicional, tendo em vista que a “tradição é o processo de reprodução em ação” (Williams, 2000, p. 182). Logo, o detalhamento dos ingredientes e dos processos de preparo dos alimentos faz parte de um conjunto de rituais reproduzidos e distintivos do que a revista trata como tradição cultural específica, enfocando uma temporalidade característica em relação ao preparo e à degustação.

A esfera da cultura, por sua vez, traduz também a tradição, presente em práticas variadas. Nesta representação destacam-se as mulheres idosas como símbolos da memória, retratando o papel geracional na manutenção de uma “cultura rural”, ambientada no espaço doméstico (Imagem 7). Reconhecendo-se que as tradições são propriedades coletivas, essas mulheres podem ser identificadas como guardiãs das memórias (Giddens, 2007) ou sociotransmissoras (Candau, 2005), uma vez que se inserem no bojo da transmissão cultural que atualiza a memória de um grupo no presente, visando à sua reprodução futura.

Imagem 7



Fonte: Revista *Globo Rural*, julho de 1999.

A imagem de mulher cristã e devota também é relevante nesta ancoragem, o que fica evidente nas pautas religiosas. As fotografias que compõem esta representação buscam, a exemplo da ancoragem familiar, a valorização do tradicional, detalhando a beleza dos produtos artesanais, dos festejos religiosos e das músicas caipiras, com ambientação no espaço público (Imagens 8 e 9). Nessas

imagens reforça-se o discurso de uma tradição rural perene, o que remete à noção de cultura como “seleção e organização, de passado e presente, necessariamente provendo seus tipos de continuidade” (Williams, 2000, p. 182).

Imagem 8



Fonte: Revista *Globo Rural*, outubro de 2005.

Imagem 9



Fonte: Revista *Globo Rural*, janeiro de 2010.

A representação ancorada no trabalho compõe-se de dimensões plurais, que vão da divisão sexual do trabalho à atuação profissional independente. Nesse contexto, a ambiência doméstica vincula-se às representações anteriormente descritas, o que se evidencia em imagens de mulheres atuando em conjunto com outros membros da família. No âmbito extradoméstico, no entanto, coexistem imagens que evidenciam condições insalubres, precariedade e subordinação nas relações de trabalho, como as boias-frias (Imagem 10), e outras que destacam a realização profissional, como as do agronegócio (Imagem 12).

**Imagem 10**



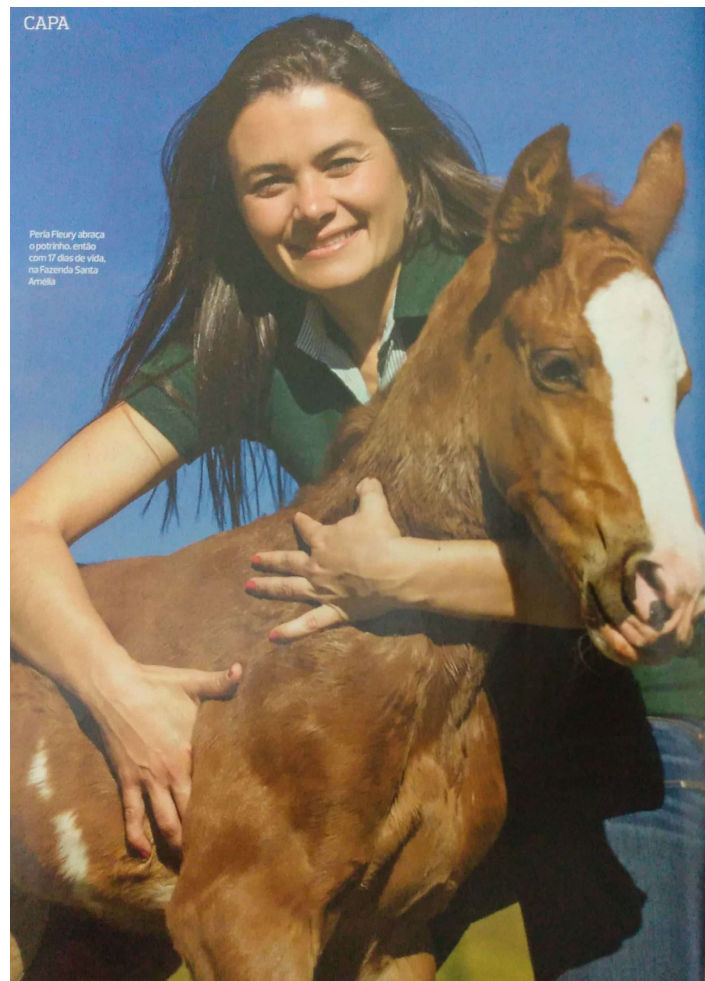
**Fonte:** Revista *Globo Rural*, outubro de 1985.

**Imagem 11**



**Fonte:** Revista *Globo Rural*, junho de 2001.

Imagem 12



Fonte: Revista *Globo Rural*, outubro de 2012.

O trabalho externo à esfera doméstica surge, portanto, como representação que se diferencia das demais em termos de enfoque na tradição. Sendo uma categoria de destaque na qualificação da mulher rural (Tedeschi, 2009; Herrera, 2016; Paulilo, 2016), o trabalho tematiza variações econômicas, permitindo visualizar a venda da mão de obra e as atividades produtivas de geração de baixa e elevada renda, com predominância destas nos últimos anos, em que se destacam a independência e o empreendedorismo das mulheres.

Em comparação às representações anteriores, pautadas por vezes em uma imagem ideal do rural, esta se modifica no sentido de se apresentar mais conectada às relações que também se observam nas cidades, pertencentes a um modelo

econômico mais amplo. Como tendência do “caráter por vezes elitista” da publicação (Maia, 2011, p. 105), intensificado nas pautas da última década analisada, pode-se apontar uma inclinação à prevalência de representações de profissionais bem-sucedidas nos ramos da ciência, da tecnologia e do agronegócio.

### Considerações finais

A investigação sobre as imagens de mulheres rurais na revista *Globo Rural* mostrou a predominância de conteúdos referentes à família, à culinária, à cultura e ao trabalho. Com enfoque na tradição, os três primeiros reforçam a significação cultural do rural, retratando as variações dos papéis sociais assumidos pela mulher nesse contexto. O último, por sua vez, tende às relações de trabalho inseridas em um modelo econômico não necessariamente tradicional. Na observação conjunta das imagens, compreende-se que essas representações resultam de uma combinação de significados possíveis nas delimitações do enquadramento fotográfico.

No discurso construído a partir das fotografias da revista, a família rural conserva sua base organizacional ao longo dos anos, sedimentando-se como um núcleo funcional que se adapta às modificações produtivas sem deixar de se apresentar como tradicional. A culinária segue essa tendência e se mostra, ao lado da cultura, sobrevalorizada. O trabalho, por sua vez, sugere a prioridade de uma visão produtiva do campo, embora esta não se associe necessariamente ao setor primário. As imagens vinculadas à tradição mostram mulheres mais velhas, ao passo que mulheres jovens se associam às representações sobre o moderno, ao tecnológico, à independência, às transformações e ao sucesso.

Atentando-se para o contexto identificado e descrito, conclui-se que, no escopo simbólico da *Globo Rural*, as mulheres rurais existem em perspectiva relacional com os outros papéis sociais identificados com o rural, especialmente com o imaginário que se constrói em torno do “homem do campo”. No caso específico do trabalho, ao ocuparem o papel produtivo, as mulheres também são identificadas com a significação que se associa a essa figura, o que independe da presença de homens nas imagens. Depreende-se, portanto, que mesmo em mídias

noticiosas, compreendidas do ponto de vista da difusão, o imaginário histórica e socialmente construído é latente, o que permite entrever que o factual que caracteriza as notícias também é atrelado a um acervo cultural e simbólico.

### Referências bibliográficas

ARRUDA, Ângela. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, p. 127-147, novembro / 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2019.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CANDAUI, Joël. *Antropologia da memória*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolado*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HEREDIA, Beatriz; PALMEIRA, Moacir; LEITE, Sérgio Pereira. Sociedade e economia do "agronegócio" no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 74, p. 159-196, outubro de 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v25n74/a10v2574.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2019.

HERRERA, Karolyna Marin. Da invisibilidade ao reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo e de *care*. *Política & Sociedade*. Florianópolis, v. 15, edição especial, p. 208-233, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15nesp1p208/33802>>. Acesso em: 18 set. 2019.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In.: \_\_\_\_\_. *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001, p. 17 - 44.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. A visibilidade de profissões hierarquizadas: as representações fotográficas da *Revista do Globo* nas tipologias das experiências de trabalho (Rio Grande do Sul, década de 1930). XXI Encontro Estadual de História – ANPUH – SP. *Anais*. Campinas, setembro de 2012, p. 1 - 11.

\_\_\_\_\_. Fotografias da fé e do catolicismo: representações e performances sociais na *Revista do Globo*. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá: ANPUH, v. V, Edição Especial, p. 287-294, jan. 2013.

MAIA, Flávia Dourado. *O jornalismo entre o efêmero e o eterno: imaginário e natureza na Globo Rural (1985-2010)*. 2011.171p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo,



v. 13, n. 1, p. 133-174, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5417/6947>>. Acesso em: 18 set. 2019.

MOSCOVICI, Serge. *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. Das representações coletivas às representações sociais. In.: JODELET, Denise. *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001, p. 45 - 66.

\_\_\_\_\_. *Representações sociais: investigação em psicologia social*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. Social representations and pragmatic communication. In.: *Social Science Information*. London: SAGE, n. 33, v. 2, p. 163-177, 1994.

PAULILO, Maria Ignez. *Mulheres rurais: quatro décadas de diálogo*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set. 1989.

RIBEIRO, Isadora Moreira. *Representações sociais da ruralidade brasileira da Revista Globo Rural (1985-2015)*. 2017. 191p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC.

SALES, Celecina de Maria Veras. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. *Estudos feministas*. Florianópolis 15 (2): 240, p. 437-443, maio-agosto 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000200010/4264>>. Acesso em: 18 set. 2019.

SILVA, Gislene da. *O sonho da casa no campo: jornalismo e imaginário de leitores urbanos*. Florianópolis: Insular, 2009.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. Fotografia jornalística e mídia impressa: formas de apreensão. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 27, p. 125-138, agosto 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3329/2587>>. Acesso em: 18 set. 2019.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Mulheres e a sociedade agrária: representações sociais e relações de gênero. *Saeculum – Revista de História*. João Pessoa, p. 295-310, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/15050/8556>>. Acesso em: 18 set. 2019.

\_\_\_\_\_. Relações de gênero e a História das mulheres camponesas. *La Salle - Revista de Educação, Ciência e Cultura*, v. 14, n. 2, p. 45-62, jul./dez. 2009. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/143/160>>. Acesso em: 18 set. 2019.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.